



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 15, número 2, jul-dez, 2022, pág. 216-253.

**PSICOLOGIA COGNITIVA E RELIGIÃO: ANÁLISE
EPISTEMOLÓGICA DA DINÂMICA TEORÉTICA DE PESQUISAS
EM CIÊNCIA COGNITIVA DA RELIGIÃO (CCR)**

Sabrina Araújo Feitoza Fernandes Rocha
Monica Gomes Teixeira Campello de Souza
Renato Guedes dos Santos
Alexsandro Medeiros do Nascimento
Luiz Guilherme de Oliveira Leal
Vanessa Bezerra Cornélio Martins
Verônica Barros de Fonte Silva
Antonio Roazzi

Resumo: O artigo objetiva apresentar diversas facetas do estudo da Ciência Cognitiva da Religião (CCR), inicialmente apresentando-a, para então discorrer as diferentes abordagens teóricas e epistemológicas a respeito dos enlaces entre cognição e religião da área, caracterizando tais teorias quanto a sua natureza, objetivos, dinâmica interna, e consequências para o estudo da cognição, além de como se dão esses enlaces em questão de estrutura, forma e conteúdo do pensamento religioso. Para tal, utiliza de bibliografia de interesse para investigação dos fenômenos selecionada por sua relevância temática, usando cinco artigos para nortear este estudo teórico, e a partir deles, entrelaçar diversos campos de estudo da CCR, a saber: a pesquisa de Roazzi, Nyhof e Johnson sobre a origem cognitiva da noção de identidades imateriais; os trabalhos de Barrett que versaram as perspectivas basilares para a construção e compreensão da própria CCR; a pesquisa de Lane, Wellman e Evans que investigou estruturas cognitivas responsáveis pela noção de mentes extraordinárias; e, por fim, o estudo de Nascimento e Roazzi que investigou a interrelação sistemática entre autoconsciência e o autoesquema de religiosidade. Usando tais artigos como norte, este trabalho perpassa o estado da arte na pesquisa nestes diferentes campos de investigação - não obstante, tão inter-relacionados, em busca da tessitura de seus fundamentos epistemológicos. Por fim, apresenta-se as consequências e desenlaces destes estudos no grande campo de pesquisa em Ciência Cognitiva da Religião em suas incidências para a Psicologia Cognitiva.

Palavras-chave: Ciência Cognitiva da Religião (CCR), Psicologia Cognitiva, Religião, Religiosidade, Epistemologia.

Abstract: The article aims to present several facets of the study of the Cognitive Science of Religion (CSR), initially presenting it, and then discussing the different theoretical and epistemological approaches regarding the links between cognition and religion in the area, characterizing such



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

theories as to their nature, objectives, internal dynamics, and consequences for the study of cognition, as well as how these links occur in terms of structure, form and content of religious thought. To this end, it uses a bibliography of interest to investigate the phenomena selected for its thematic relevance, using five articles to guide this theoretical study, and from them, intertwining various fields of study of CSR, namely: the research by Roazzi, Nyhof and Johnson on the cognitive origin of the notion of immaterial identities; Barrett's works that dealt with the basic perspectives for the construction and understanding of the CCR itself; the research by Lane, Wellman, and Evans that investigated the cognitive structures responsible for the notion of extraordinary minds; and, finally, the study by Nascimento and Roazzi that investigated the systematic interrelationship between self-awareness and the self-scheme of religiosity. Using the following articles as a guide, this work permeates state of the art in research in these different fields of investigation - nevertheless, so interrelated, in search of the weaving of their epistemological foundations. Finally, we present the consequences and outcomes of these studies in the large field of research in Cognitive Science of Religion and its implications for Cognitive Psychology.

Keywords: Cognitive Science of Religion (CSR), Cognitive Psychology, Religion, Religiosity, Epistemology.

Este artigo versa sobre uma reflexão epistemológica no campo de pesquisa de Conceitos Religiosos em Psicologia Cognitiva, tomando como foco de análise modelos teóricos e pesquisas teóricas e empíricas realizadas no âmbito de uma perspectiva específica dentro da área, a saber, a Ciência Cognitiva da Religião (CCR), e com base em exame de literatura disponível publicada de pesquisa empírica, discute-se criticamente o tópico de pesquisa cognitiva em tela, caracterizando tais teorias quanto a sua natureza, objetivos, dinâmica interna, e consequências para o estudo da cognição, sendo este o itinerário mesmo a ser percorrido nesta reflexão, os passos desta meditação.

O trabalho teve seu nascedouro em discussões realizadas no âmbito da disciplina de Teorias Cognitivas II¹ cursada pelos três primeiros autores (S. Rocha; M. Campello de Souza; R. Santos) como doutorandos do Programa de

¹ A disciplina citada é “Teorias em Psicologia Cognitiva II” (PSI – 951), do nível do Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, e foi ministrada no semestre acadêmico de 2011.2 tendo como docentes responsáveis os Profs. Antonio Roazzi e Alessandro Medeiros do Nascimento, coautores deste artigo, com foco temático em Conceitos Religiosos e Representação Mental.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, e das inquietações teóricas surgidas dos debates surgiu o interesse de expandir o tema para interlocução com rol mais amplo de colegas da pós-graduação, e do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS / UFPE) interessados no tópico de pesquisa da Religião, a fim de um tratamento mais sistemático e aprofundado da epistemologia subjacente à pesquisa contemporânea em CCR. Tratou-se, sobretudo de discernir o significado de pesquisa empírica na área e suas consequências para a pesquisa e entendimento da cognição humana, seu legado à Teoria Geral da Cognição.

Inicialmente tendo como objetivo fazer uma síntese analítica com base na literatura disponibilizada durante a execução da disciplina e escolhida pelo grupo com pertinência temática a um dos eixos trabalhados durante o semestre (conceitos religiosos), a escolha do tema considerou para o trabalho analítico três dos artigos fornecidos, conforme bibliografia (Roazzi, Nyhof & Johnson, 2013; Barrett, 2000; Barrett, 2007), acrescidos posteriormente de dois conjuntos de pesquisa empírica (Lane, Wellman & Evans, 2010; 2012; Nascimento & Roazzi, 2017), conformando o horizonte bibliográfico central de exame para a presente reflexão. Ao final, produziu-se uma consideração final que visa consolidar o estudo do tema.

Para tanto, faz-se aqui uma revisão das pesquisas recentes de rituais religiosos, a comunicação e transmissão do conhecimento religioso, o desenvolvimento do conceito de Deus em crianças e as origens e embasamento destes mesmos conceitos em adultos. Também o desenvolvimento dos conceitos de mentes ordinárias e extraordinárias em crianças, e o das relações ontogenéticas entre autoconsciência e religiosidade em universitários adultos. Todos estes estudos apoiam a noção de que religião é um fenômeno cultural e deve ser entendida como produto da cognição ordinária, bem como a análise filosófica deste mesmo fenômeno.

Historicamente, os estudos científicos sobre religião distinguem os eventos religiosos da vida cotidiana pelas experiências incomuns,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sobrenaturais, e estados cerebrais peculiares, porém se ignoram as bases naturais da religião. Esta percepção da estrita continuidade das experiências religiosas com os demais atos da vida cotidiana em suas bases naturais, se torna o *leitmotif desta abordagem cognitiva à religião, alicerçada em firme fundamento evolucionista* (Gervais, Najle & Caluori, 2021; Teehan, 2018; Barrett, 2017; Powell & Clarke, 2012) e *descritivofuncional dos estados representacionais da mente que estão no âmago dos processos de conhecer humanos, tanto de realidades ordinárias quanto de extraordinárias* (Barrett, 2011; Thagard, 1998; Gardner, 2003; Chalmers, 1996). Foi exatamente a imprecisão das teorias anteriores e a falta de testes empíricos que motivaram o estudo da nova ciência cognitiva da religião. Além disso, ressalta-se o desejo de entender as bases psicológicas sobre os conceitos e causalidades religiosas (Barrett, 2011; 2007).

A ciência cognitiva da religião está voltada para as concepções de entidades imateriais, tais como “alma”, “mente” e “espírito”. No primeiro dos artigos aqui analisados intitulado “*Mind, Soul and Spirit: Conceptions of immaterial identity in different cultures*”, Roazzi, Nyhof e Johnson (2013) tentam verificar se a identidade imaterial é acionada a partir de um único núcleo intuitivo ou de diversos recursos intuitivos distintos, procurando verificar também se os seus padrões de conceituação variam ou não entre diferentes países e culturas. Apesar de lidar com questões filosóficas relacionadas à identidade, espiritualidade e religião, a perspectiva teórica trabalhada é de natureza essencialmente científica, baseando-se tanto em conceitos abstratos formais quanto em observações empíricas concretas. O seu objetivo é compreender como as pessoas pensam acerca da identidade imaterial, abrangendo a origem de tal pensamento, suas formas de estudo, seu funcionamento e as suas eventuais implicações psicológicas e comportamentais. A abordagem incorpora elementos da antropologia e sociologia, valorizando a contemplação do ser humano em sua dimensão cultural e social, mas é essencialmente psicológica e cognitiva.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O segundo artigo da presente pesquisa em tela - “*Exploring the natural foundations of religion*” (Barrett, 2000) - tem por objetivo dar uma nova abordagem cognitiva à religião, trazendo novas perspectivas para como se compreende os conceitos religiosos, como eles são mantidos, adquiridos e utilizados para motivar e direcionar as ações humanas. Sugere que, apesar do senso comum ter na base da religião pensamentos sobrenaturais, essa nova visão quer demonstrar que apesar dos pensamentos aparentemente extraordinários que norteiam a religião, tudo não passa de uma cognição comum, que o autor chama de natural, posto de antemão no título do artigo.

O terceiro artigo, “*Cognitive Science of Religion: What Is It and Why Is It?*” (Barrett, 2007), relata o forte crescimento e interesse dos meios de comunicação e de pesquisadores nos últimos vinte anos acerca da temática da Ciência Cognitiva da Religião (CCR²), e descreve que esta utiliza as teorias das ciências cognitivas para analisar o porquê do pensamento e ação religiosas serem tão comuns nos seres humanos e por que os fenômenos religiosos têm os atributos que eles possuem.

O quarto artigo, “*Children’s understanding of ordinary and extraordinary minds*”³ (Lane, Wellman & Evans, 2010), testa empiricamente a hipótese do antropomorfismo em crianças através da resolução de tarefas cognitivas de falsa crença e ignorância-conhecimento em relação a três tipos de agentes (humanos comuns, humanos com capacidades perceptuais aumentadas, e agentes com capacidades mentais extraordinárias), permitindo um discernimento da trajetória desenvolvimental que habilita crianças a atribuir capacidades extraordinárias a certos agentes especiais como Deus, a partir de uma base de sua psicologia intuitiva cotidiana.

² Ou CSR (do inglês *Cognitive Science of Religion*, ver Barrett, 2007).

³ Nas análises da dinâmica teórica e explanatória deste artigo operou-se sempre um cotejo com o artigo “*Socio-cultural Input Facilitates Children’s Developing Understanding of Extraordinary Minds*” (Lane, Wellman & Evans, 2012), dos mesmos autores, e publicado em proximidade temporal àquele.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por fim, no 5º artigo, “*Religiosidade e o desenvolvimento da autoconsciência em universitários*” (Nascimento & Roazzi, 2017) teve-se como objetivo a investigação das relações entre religiosidade e autoconsciência (situacional e disposicional), apresentando a hipótese de uma possível coevolução conjunta na ontogênese em estudantes universitários de diferentes orientações religiosas. Os resultados obtidos neste estudo trouxeram evidências de haver uma interrelação sistemática entre fatores de autoconsciência (situacional e disposicional) e dimensões de religiosidade, reforçando assim a hipótese de um papel protetivo da religiosidade ao desenvolvimento dos processos autofocalizadores humanos.

Estes 5 conjuntos teóricos conformam o horizonte textual a ser examinado neste ensaio analítico livre a partir da reflexão em torno de 03 eixos principais a ser percorridos no texto, a saber, os eixos de (i) Teorias, (ii) Dinâmica Interna do Estudo, e (iii) Avaliação crítica das consequências para o estudo da Cognição. Essa estrutura analítica básica partirá de uma exposição da demarque epistemológica da Psicologia Cognitiva (seção 1), seguida de breve apresentação em caracteres gerais da perspectiva da Ciência Cognitiva da Religião (seção 2). Esta base permitirá a utilização da lente tripartite de exame epistemológico já notificada (teoria, dinâmica, crítica; seção 3) ao conjunto de 5 trabalhos sobre religião em enfoque cognitivo supradescritos, seguindo-se conclusões do exame epistemológico realizado em pontuais Considerações finais.

Espera-se com este artigo fomentar o interesse de pesquisadores em psicologia cognitiva pela perspectiva da Ciência Cognitiva da Religião, auxiliando na edificação de uma compreensão mais aprofundada de seus fundamentos epistemológicos e dinâmica explanatória, para melhor recepção e apreciação de estudos empíricos da área, tanto internacionais, quanto da lavra



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

local, numa área que se encontra em plena expansão, com publicações recentes de grande escopo de autores nacionais⁴ (ver Esperandio et al., 2019).

1. A Psicologia Cognitiva e seus fundamentos

A mente humana sempre foi e ainda tem sido um grande enigma a ser desvendado por quem tenha interesse em compreendê-la e explicar como funciona. Platão e Aristóteles, filósofos gregos, procuraram explicar a natureza do conhecimento humano. Platão acreditava se tratar o conhecimento de algo inato que independia da experiência dos sentidos, enquanto Aristóteles acreditava que o conhecimento humano era aprendido com a experiência. Mais recentemente, Descartes e Leibniz, tomando como base as ideias de Platão, desenvolveram o racionalismo, pois acreditavam que o conhecimento poderia ser adquirido apenas através do pensamento e do raciocínio. Enquanto Lock e Hume, baseados nas ideias de Aristóteles, desenvolveram o empirismo. Mais adiante, Kant tenta combinar essas duas maneiras de compreender e explicar a natureza do conhecimento humano (racionalismo e empirismo), pois acredita que seja algo que não apenas dependa das capacidades inatas da mente, como também não dependa exclusivamente da experiência dos sentidos (Thagard, 2008).

O estudo da mente esteve sob o domínio da Filosofia por muito tempo, até que, no século XIX, Wilhelm Wundt, com seus colaboradores, inicia o estudo de operações mentais em seu laboratório, desenvolvendo a psicologia experimental, que, mais adiante, ficou sob o domínio do behaviorismo, uma abordagem da psicologia que negava a existência da mente, pois Watson, um de seus principais representantes, alegava que a psicologia, para que pudesse

⁴ A coletânea recém publicada organizada por Esperandio, Zangari, Freitas e Ladd (2019) apresenta e detalha o estado da arte da Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil, num projeto editorial binacional capitaneado pela Fundação Templeton, e liderada por K.Ladd, expoente internacional da área. A presença deste autor na coletânea junto com docentes e pesquisadores de importantes instituições de ensino superior brasileiras dá mostras do vigor e excelência das pesquisas levadas a cabo em iniciativa brasileira com esta perspectiva. Ver o capítulo sobre Representações mentais de seres sobrenaturais, como exemplificação da produção brasileira e também nordestina nesta seara cognitiva (Esperandio, Ribeiro, Curcio, Nascimento & Roazzi, 2019).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ser considerada uma disciplina científica, deveria se restringir ao que pudesse ser observado, como a relação estímulo-resposta. Por ser considerado muito sugestivo, generalizado, subjetivo e incerto, o método introspeccionista, utilizado por Wundt, não era considerado um método confiável, pois para que uma disciplina fosse considerada científica era preciso que seus resultados pudessem ser refutados e por isso as ideias behavioristas ganharam força e conquistaram muitos seguidores (Gardner, 2003; Thagard, 2008).

A mente, o primeiro objeto da psicologia, devido à sua complexidade e dificuldade de encontrar resultados refutáveis, foi rejeitada pela comunidade científica, portanto, falar sobre consciência e representação mental se tornou proibido em discussões consideradas respeitáveis, principalmente quando ocorriam na América do Norte, onde o behaviorismo dominou a psicologia. Pois a proposta feita pelos behavioristas àqueles que tinham interesse em uma ciência do comportamento foi utilizar o método de observação que poderia ser aplicado e quantificado por qualquer cientista, portanto, deixando de lado o método introspeccionista e evitando realizar reflexões subjetivas. Portanto, psicólogos deveriam concentrar-se no comportamento observável, descartando tópicos como mente, imaginação, pensamento, intenção e desejo, pois toda atividade psicológica poderia ser explicada sem recorrer a esta visão mentalista, uma vez que havia uma forte crença no poder determinante do ambiente. A psicologia pagou um preço alto pela adesão ao behaviorismo, pois essa negação da mente dificultou que questões sobre linguagem, solução de problemas, imaginação e planejamento fossem abertamente discutidas (Gardner, 2003).

Esse cenário negacionista da mente e processos internos, intervenientes entre o estímulo (input) e a resposta (output), começou a mudar a partir dos achados desses seis cientistas que podem ser considerados os fundadores da ciência cognitiva: Miller, ao mostrar que a capacidade da mente é limitada, pois a memória de curto prazo se limita a apenas 7 itens, e para superar essa limitação, propôs realizar uma recodificação das informações em pedaços;



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

John McCarthy, Marvin Minsky, Allen Newell e Herbert Simon ao fundarem a inteligência artificial; Noam Chomsky ao explicar a habilidade de entender a linguagem por uma gramática mental formada por regras, rejeitando, assim, a suposição de que a linguagem seja um hábito aprendido, como era defendido pelo behaviorismo (Thagard, 2008). No Simpósio de Hixon, realizado em setembro de 1948 no campus do *California Institute of Technology*, foi discutido o tema “Mecanismos cerebrais do comportamento”, cientistas cognitivos como John Von Neumann, Warren McCulloch e Karl Lashley desafiaram o behaviorismo ao comparar o cérebro ao computador e lançar uma discussão de que o cérebro processa informação (Gardner, 2003).

O desafio de elucidação da mente levou muitos filósofos e psicólogos a utilizarem metáforas para tornar mais fácil a compreensão: uma folha em branco onde impressões vão sendo deixadas, uma invenção hidráulica onde várias forças operam e a um quadro de ligação telefônica. Outras metáforas foram se tornando possíveis à medida que novos tipos de computadores foram sendo desenvolvidos, e os pensamentos humanos começaram a ser compreendidos pela maioria dos cientistas cognitivos como um tipo de computação. Além de descrever o que a mente humana é capaz de fazer, os cientistas cognitivos pretendem explicar como ela realiza essas operações e a maior parte deles concorda que o conhecimento consiste em representações mentais de tipos diferentes como regras, conceitos, imagens e analogias, sendo que cada tipo de representação possui um tipo diferente de procedimento mental para que sejam produzidos pensamentos e ações (Thagard, 2008).

Hodiernamente os psicólogos cognitivos utilizam o modelo teorizador e computacional, no entanto, o primeiro método utilizado foi a experiência com seres humanos, em que as pessoas eram levadas ao laboratório, num ambiente controlado, para que tipos diferentes de pensamentos fossem estudados, verificando os tipos de erros no raciocínio dedutivo que elas cometiam, a velocidade de pensamento com imagens mentais, como também, o desempenho delas ao utilizarem analogias para resolver problemas. Para que a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

psicologia cognitiva seja científica, é imprescindível que ela realize experimentos que abordem, de forma cuidadosa, as operações mentais, e que tais resultados dos experimentos possam ser interpretados à luz de um modelo teórico de representação mental. Os neurocientistas, assim como os psicólogos cognitivos, também realizam experimentos controlados, no entanto, o que muda é o foco, pois a psicologia cognitiva está interessada na mente, enquanto os neurocientistas se interessam pelo cérebro. Os neurocientistas, especialmente antes do advento das técnicas modernas de neuroimagem, colocavam eletrodos no cérebro de um animal não humano, algo muito invasivo para os seres humanos. Hoje é possível, através de imagens magnéticas ou pósitrons, observar o que acontece no cérebro humano enquanto se executa tarefas (Thagard, 2008).

A psicologia, a filosofia da mente, a antropologia cognitiva, a inteligência artificial, a linguística e a neurociência são campos do conhecimento que realizam um trabalho interdisciplinar na ciência cognitiva para encontrar convergência teórica e experimental. A abordagem que se revelou com maior convergência teórica foi a da representação e computação. Portanto, para a ciência cognitiva a melhor maneira de compreender o pensamento é através de representações mentais e procedimentos computacionais. Essa abordagem, que atualmente é a dominante na ciência cognitiva, pode ser delimitada pela hipótese CRUM (acrônimo para: *Computational-Representational Understanding of Mind*), que, apesar de ser inadequada para explicar alguns aspectos da mente, conforme reconhecem seus mais ardorosos defensores, foi a abordagem que proporcionou maior avanço na compreensão da mente (Thagard, 2008).

A analogia derivada dos computadores fez da CRUM a abordagem de maior sucesso por ela assumir que a mente tem representações mentais análogas aos dados computacionais. Portanto, se houver um experimento psicológico que demonstra que as crianças apresentam um determinado percentual de acertos na tarefa, então o programa de computador deverá



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

apresentar o mesmo percentual de acertos. A avaliação de uma abordagem da representação mental deverá passar por cinco critérios: poder da representação; poder computacional; plausibilidade psicológica; plausibilidade neurológica e aplicação prática. Apesar de nenhuma abordagem da representação computacional satisfazer todos os critérios, os mesmos permitem que as abordagens sejam avaliadas tanto em suas realizações como em suas limitações (Thagard, 2008).

2. Ciência Cognitiva da Religião (CCR): aspectos teóricos e epistemológicos

A Ciência Cognitiva da Religião (CCR) posiciona-se enquanto um campo multidisciplinar que busca entender que construtos e processos cognitivos estão diretamente relacionados ao desenvolvimento das religiões nas mais diversas culturas através dos tempos; todas as populações humanas compartilham de um conjunto de conceitos e vieses mentais que norteiam o relacionamento com o divino - entendido aqui como a pletora que vai desde as cognições que possibilitam à religião surgir, até a rede de comportamentos ritualizados próprios do fazer teológico (Whitehouse, 2008). Ao entender a religiosidade como algo natural à espécie humana (Rohr, 2014), a CCR busca então investigar aquilo que há de invariável nas concepções e construtos religiosos; para tal, contesta o relativismo cultural, denunciando sua postura reducionista e determinista ao propor que apenas a cultura seria suficiente para a transmissão e origem da religiosidade (White, 2018).

Ao questionar aquilo que é invariável à espécie humana, a CCR foca na construção da religião enquanto resultado de um processo mental como qualquer outro, tal qual fazer equações matemáticas ou tomar decisões (Barrett, 2007). Portanto, a religião resultaria de uma série de processos sociocognitivos e não de um passivo recebimento da cultura imposta; o indivíduo seria agente, com sua cognição filtrando e processando informações e enfim modificando o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

produto cultural “religião” enquanto uma construção conjunta entre cultura e cognição (White, 2018).

A postura epistêmica da CCR busca investigar como se dá a formação, aceitação, transmissão e prevalência de crenças e comportamentos religiosos a partir da compreensão de religião enquanto *mentatio*, um fruto dos processos mentais. Ou seja, busca investigar a estrutura e influência cognitiva no contínuo surgimento da religião e seus corolários ao longo dos tempos nas mais diversas populações humanas, diferindo mais em conteúdo e contexto que em forma ou estrutura do pensamento religioso (Biabanaki, 2020). Para tal, entende que a cognição toma uma série de vieses que possibilitam a origem e manutenção da religião.

Diversos estudos empíricos confirmam a existência de crenças comuns que pessoas em diferentes culturas compartilham, tais como a crença no pós-vida, em espíritos e em agentes sobrenaturais (como Deus) (Powell & Clarke, 2012), tratando-os enquanto crenças intuitivas - que não requerem reflexão para serem adquiridos, sendo produzidos naturalmente pelas mentes sem sequer serem avaliados. Isso explicaria a universalidade e similaridade do pensamento religioso, que não seria resultante de processos aleatórios, e sim de estruturas cognitivas subjacentes e comuns à toda a humanidade. Por outro lado, crenças reflexivas envolvem reflexão e racionalização conscientes (Barrett, 2011b). A CCR então distingue crenças religiosas de crenças teológicas, entendendo uma enquanto as noções que dão origem à religião (a estrutura subjacente) e a outra enquanto a racionalização institucionalizada acerca destas noções. Crenças religiosas aparecem até mesmo sem educação formal, estabelecendo-se na infância e apresentando baixa variabilidade através de culturas - crenças teológicas, por outro lado, requerem extenso estudo dos rituais, textos, proibições, regras e símbolos que a religião toma naquela sociedade em específico, com muita variabilidade entre a miríade de construções religiosas existentes. Ao crescer em uma cultura em particular, essas crenças religiosas - ontológicas, imutáveis e enraizadas em estruturas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

intrínsecas da cognição - tornam-se (ou não) crenças teológicas por influência dos fatores socioculturais da história de vida do indivíduo (Biabanaki, 2020).

A CCR fraciona os sistemas religiosos em vários componentes constitutivos, como a formação de conceitos de agentes não-visíveis (como espíritos ou mesmo Deus), punição divina, mentes extraordinárias e rituais. Dessa maneira, tenta entender a emergência desses aspectos na psique humana, identificando os mecanismos cognitivos e comportamentais que interagem com as noções de religiosidade (Boyer, 2002; 2003). Esta abordagem atomizada permite maior rigor científico aos estudiosos da área, que podem buscar e identificar as estruturas cognitivas que balizam a religião - sendo esta institucionalizada ou não. Assim, investiga como agem e quais são as estruturas cognitivas básicas do pensamento e da ação religiosos para, assim, identificar a aparente tendência humana à religião - uma noção da psicologia evolucionista, uma de suas bases epistêmicas (Barrett, 2000; Boyer, 2002; Teehan, 2018; Esperandio et al., 2019) -, aspecto temático bastante fomentado na CCR, em que favorecem-se as pesquisas multiculturais com crianças e adultos para melhor entender quais e como se envolvem os processos cognitivos nas diferentes crenças humanas (Barrett, 2011b; 2017). Porquanto, a pesquisa multicultural, multimetodológica e interdisciplinar é favorecida dentro do próprio fazer epistêmico da área, que abre espaço para utilização das mais variadas formas de ciência, desde que respeitando-se os princípios epistemológicos da investigação do objeto ao qual o campo se propõe investigar (ver Barrett, 2017; Boyer, 2002; Esperandio et al., 2019).

A seguir, a fim de ilustrar a discussão, explicitar os princípios operadores na pesquisa aqui sumarizados nesta breve apresentação e divulgar o campo, apresenta-se um recorte da pluralidade temática da CCR, baseando-se no estado da arte da literatura da área, tipificados nos trabalhos supracitadamente apresentados (os cinco artigos).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

3. Examinando os fundamentos da Ciência Cognitiva da Religião (CCR): Teorias, Dinâmica explanatória e Consequências para o estudo da Cognição

Teorias em CCR

Foram destacadas em Roazzi, Nyhof e Johnson (2013) diversas posições acerca da conceituação da chamada “identidade imaterial”. A noção dominante é a de que a ontologia da mesma surge de um conceito intuitivo de espírito, ou seja, da ideia de que o ser humano é um “dualista intuitivo”, tendo a mente um funcionamento organizacional mental-causal independente das limitações físico-causais do corpo (Wellman & Johnson, 2008). Alguns desses pesquisadores consideram que identidade imaterial abrange alma e espírito, derivando-se do conceito de mente. Outros autores avançaram a questão buscando compreender as ideias do senso comum acerca do que seria uma “possessão”, alguns imaginando que, hipoteticamente, quando uma possessão ocorre acontece apenas uma transferência de mentes, havendo, porém, os que afirmam que há uma alma independente da mente. Há essa peculiaridade nos construtos que os sujeitos têm uns sobre os outros, a saber: uma ferramenta cognitiva intuitiva que assume uma dualidade mente-corpo e que torna possível a noção de uma mente descorporificada. Esta capacidade de identificação e diferenciação entre mentes ordinárias (as de si ou das outras pessoas) e extraordinárias (dotadas de capacidades excepcionais, como superheróis ou Deus) é um fenômeno que perpassa as mais diversas culturas desde a pré-história humana, onde os primeiros resquícios de comportamento religioso já podem ser encontrados. Deus é feito à imagem e semelhança dos humanos, que antropomorfizam esses seres extraordinários tanto em questão de forma quanto de conteúdo - entendendo-os enquanto consciências excepcionais (ver Lane, Wellman & Evans, 2010; 2012).

Já Richert e Harris (2008), em contraste com a perspectiva dualista, argumentam que o conceito de mente se desenvolve de modo independente, originando-se do conceito de espírito, concluindo que o conceito de alma



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

parece surgir a partir de intuições sobre a essência de uma pessoa, como que de intuições sobre a mente. Johnson (2008) por sua vez, fala em estados de espírito distintos, argumentando que o conceito de “espírito” originalmente se refere à força vital. Assim sendo, ideias espirituais não surgem a partir de conceitos de “mente” e de “agência”, mas sim a partir de noções de “vida” e “energia”. De fato, pesquisas com crianças no início de seu desenvolvimento biológico apontam para um possível “vitalismo” da parte delas, com intuições sobre “força vital”, “energia vital”, de modo que a visão do senso comum acerca do espírito pode ser apenas uma ideia intuitiva de vitalidade cuja natureza é diferente de uma noção mental ou de natureza essencial.

A hipótese fundamental do trabalho em exame (Roazzi, Nyhof & Johnson, 2013) é a de que os indivíduos podem recorrer a diversos conceitos intuitivos para lidar com a identidade imaterial incluindo “essência”, “mente”, “individual” e “energia vital”. O trabalho representa o pontapé inicial para a exploração de como tais recursos podem ser intuitivamente recrutados de modo semelhante ou diverso entre as diferentes culturas. Certamente o elemento cultural irá trazer características próprias aos mecanismos cognitivos no que se refere à identidade imaterial. Essas diferenças e semelhanças são, sem dúvida, importantes para o entendimento da cognição humana.

Já no segundo artigo, para Barrett (2000), a religião pode ser entendida como um produto natural de agregados comuns aos processos cognitivos, que foi chamado de “naturalidade em tese da religião”, assemelhando-se à própria linguagem. A pesquisa é focada em três pontos principais:

- a) Como as pessoas representam os conceitos de agentes sobrenaturais;
- b) Como as pessoas adquirem esses conceitos; e,
- c) Como as pessoas respondem a estes conceitos através de uma ação religiosa, ou seja, como realizam seus rituais religiosos.

A análise conclui sugerindo que a religião designa um sistema compartilhado de crenças e ações sobre agência dos homens, sendo frutífera para futuras pesquisas. Apesar de não se ter adentrado em faces mais



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sensacionais da religião, como experiências bizarras, ou estados alterados de consciência, como no primeiro artigo analisado, buscou-se dar a tais eventos uma visão comum. Por exemplo, apesar de teologicamente o Deus ser não-temporal, as relações humanas representam Deus como experimentando (no sentido de vivenciando, tendo uma experiência) em tempo real na resolução de problemas. Apesar da complexidade dos conceitos teológicos, a sua utilização vai variar de acordo com as exigências cognitivas do contexto em que serão utilizados. Se teologicamente o Deus Shiva sabe todos os seus pensamentos mesmo antes de concebido, porque se faz necessário fazer orações ao Deus Shiva para que ele tenha consciência dos seus pensamentos? Tudo é uma questão de cognição! Estas suposições intuitivas parecem ser em grande parte invariantes em todas as culturas e permitem categorizações rápidas de coisas novas, bem como geração de previsões e explicações, que variam de sujeito para sujeito.

No terceiro artigo, em Barrett (2007), demonstra-se que três principais características em CCR são atraentes para os interessados em explicar fenômenos religiosos:

- (i) A abordagem fragmentada e incremental ao invés de tentar definir e explicar o que é religião, procurando identificar o pensamento humano ou padrões comportamentais que possam ser considerados religiosos para, depois, tentar explicar por que esses padrões são recorrentes entre culturas;
- (ii) A utilização de explicações não exclusivas, procurando detalhar a estrutura cognitiva básica de pensamento e ação que possa ser considerada religiosa, convidando historiadores, antropólogos, sociólogos, psicólogos e estudiosos/cientistas de religiões para preencher os “comos” e “porquês” de determinados fenômenos religiosos; e,
- (iii) A admissão do pluralismo metodológico, uma vez que os estudiosos neste campo têm se voltado para o que quer que os métodos de coleta de dados e análise possam parecer adequados para as questões à mão, incluindo etnografia, entrevistas, histórico, arqueologia, modelagem por computador e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

experimental, incluindo técnicas de estudos entre culturas e de desenvolvimento.

De fato, o que unifica os vários projetos em CCR é o acordo de que as estruturas conceituais humanas não são, simplesmente, produtos de contingências culturais. As mentes/cérebros humanos exibem uma série de regularidades funcionais a respeito de como processam a informação conhecidas como "ferramentas mentais" que informam e restringem a expressão religiosa (ver Barret, 2007; 2011b; Biabanaki, 2020).

Achados proeminentes no campo são a teoria do mínimo contraintuitivo (MCI), a teoria de mentes extraordinárias e a teoria de autoconsciência. Dan Sperber (1996) desenvolveu uma estratégia para estudar a cultura onde leva em conta que a mente humana pode ser mais susceptível de gerar e transmitir ideias que sejam intuitivas, independentemente do contexto cultural. Pascal Boyer (2002, 2003) propôs a teoria de transmissão religiosa (MCI), sugerindo que conceitos que se desviem levemente das expectativas intuitivas de nossas ferramentas mentais podem ser transmitidos com ainda mais sucesso do que as totalmente intuitivas, uma vez que conceitos ligeiramente contraintuitivos exigem atenção especial das pessoas. Por exemplo, uma ideia intuitiva seria “um sofá na sala”, uma ideia minimamente contraintuitiva seria “um sofá voador”, enquanto uma ideia maximamente contraintuitiva seria “um sofá voador, falante, que lê mentes, se teletransporta e desaparece”; ou seja, uma ideia deve respeitar algumas propriedades do mecanismo cognitivo de plausibilidade. Concepções completamente intuitivas são pouco atrativas, enquanto ideias maximamente contraintuitivas são muito absurdas para que a transmissão de conhecimento se dê de forma orgânica pelas pessoas. Ideias MCI seriam então o trunfo da transmissão religiosa, por serem conceitos atraentes que não violam as propriedades basilares da cognição quanto à forma, conteúdo e estrutura do mundo. Extensas pesquisas empíricas apoiam os achados de Boyer, mostrando que conceitos MCI são de fato mais comumente



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

aceitos e transmitidos, cravando assim sua importância nas teorias CCR (Biabanaki, 2020).

Buscando explicar por que a crença em deuses é tão prevalente entre os seres humanos, Stewart Guthrie utiliza o argumento de que temos um viés de percepção para dar conta de formas ou informações que possam ser originadas por seres semelhantes aos humanos (Guthrie, 1996; Guthrie et al., 1980) - o que explicaria o antropomorfismo transcendental característico de noções religiosas. Seu argumento é colocado em termos de uma tendência evolutiva que produz falsos positivos em prol da sobrevivência. Na perspectiva da ciência cognitiva, um deus é definido enquanto um agente contraintuitivo e motivador de ações. Dessa forma, deuses, fantasmas, espíritos, diabos, bruxas ou anjos contam como deuses sob essa definição, mas nenhuma pessoa, por mais influente, reconhecida ou importante que seja, se enquadra na definição de deidades.

O sistema cognitivo responsável por detectar a intencionalidade da operação - se aquele acontecimento foi motivado por um ser divino ou não - é o HADD (do inglês *hypersensitive agency detection device*). HADD não requer uma forma humana ou muita informação para detectar algo como sendo um agente e pode desempenhar um papel que incentiva a difusão de ideias sobre, ou as crenças em deuses. Experiências levemente contraintuitivas podem sugerir a existência de algum deus como explicação, mas experiências que sejam muito contraintuitivas podem ser entendidas como irrelevantes e esquecidas com facilidade. Esta noção é uma das estruturas cognitivas que caminham lado a lado ao conceito de mentes extraordinárias, processo mental que predispõe a humanidade em direção ao pensamento onírico, criativo, simbólico e ritualístico próprio da religião. Isto nos encaminha ao cerne das preocupações do quarto artigo desta presente análise epistemológica.

Exponentes no estudo de mentes extraordinárias estão os estudos de Lane, Wellman e Evans (2010, 2012). Para investigar o desenvolvimento da noção de seres excepcionais, foram dirigidos estudos com crianças pré-



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

escolares de escolas não-religiosas; constataram assim que até os quatro anos de idade a noção de mente extraordinária ainda não está formada. É só a partir dos cinco anos que as crianças passam a diferenciar seres extraordinários dos seres ordinários (como ela mesma ou os outros, ponto o qual retornaremos mais à frente). Deste modo, argumentam que a crença em seres sem corpo requer certo aprendizado cultural, não sendo uma predisposição da evolução humana e sim de aspecto societal e transcultural. A revisão bibliográfica de Barlev e Shtulman (2021), uma década depois dos estudos supracitados, conclui também que o conceito de mentes sem corpo e de seres divinos e/ou religiosos desenvolve-se progressiva e lentamente, não sendo imediatamente evidente em crianças mais jovens. Naturalmente, o caminho metodológico assumido pelos teóricos da área conta com extensas pesquisas transculturais que abarcam diferentes níveis socioeconômicos, credos e países. Por conta do caráter interreligioso do versar sobre moral, símbolos, significados, histórias e tabus, acreditam então que selecionar seus espaços amostrais com base nesta diversidade de crenças pode mostrar aquilo que não varia; basicamente, a estrutura cognitiva basilar para pensar-se mentes extraordinárias.

A pesquisa de Burdett et al. (2021) estudou crianças de quatro países diferentes (Reino Unido, Israel, República Dominicana e Quênia) para estudar a racionalização acerca de proposições sobre mentes ordinárias e extraordinárias. Notaram-se diferenças nas respostas sobre onisciência dos agentes; diferenças essas, entretanto, que nascem paralelamente às noções sobre si mesmo e a noção de alteridade. Deste modo, conclui-se que não se pode pensar uma mente extraordinária sem antes pensar uma ordinária - ou vice-versa. Pensar mentes extraordinárias envolve pensar nos ideais do self, na moralidade e nas possibilidades das capacidades extra-humanas - assim como envolve também o desenvolvimento da noção de antropomorfismo, como proposta por Piaget.

A formação do pensamento religioso pode ter, portanto, caráter socioconstrutivista; abre aí a possibilidade de que a humanidade tenha uma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

predisposição religiosa que é ativada socialmente, tal como é com a linguagem. É por meio do entendimento que os humanos têm uns dos outros - de suas limitações, credos e falsas crenças - que uma mente humana pode ser diferenciada de uma mente extraordinária. É nesta dicotomia que o indivíduo entende seus papéis na cultura e na alteridade, em suas relações com os outros, com si mesmo e com o divino (ver Burdett et al., 2021). Posto isso, desenvolver a noção de mente extraordinária envolve a formação de um processo cognitivo chamado Teoria da Mente, que origina-se nos processos autoconscientes próprios do amadurecimento e de como se dão as relações com o infante. Wellman (2018) comenta que o estudo de mentes extraordinárias é parte das mais preciosas dentro dos estudos de Teoria da Mente. Ao versar sobre a humanidade e a divindade em uma perspectiva cognitivista e cultural, a noção de mente extraordinária pode dizer muito sobre as relações humanas consigo e com os outros. Este processo então é um corolário direto da autoconsciência, fenômeno cognitivo que será discutido a seguir.

Examinando o 5º artigo, em Nascimento e Roazzi (2017) aponta-se que em relação aos aspectos cognitivos do self humano, diversas pesquisas demonstraram a religiosidade como um fator de desenvolvimento da cognição, intervindo beneficentemente nos níveis de autoconsciência reflexiva, qualidade da experiência interna em estados incomuns da consciência, modelação de estados de consciência fenomenal relacionados à morte, habilidades imaginativas, apego, qualidade da interação social, teoria da mente em crianças na primeira infância, fator desenvolvimental à mediação cognitiva de autofoco e fator protetivo à ruminação e pensamento ruminativo em adultos, sendo essa hipótese da importância da religiosidade sobre a organização e dinâmica de funcionamento do self reforçada nos estudos de autoconsciência promovidos no LACCOS⁵ (ver Nascimento & Roazzi, 2017).

⁵ A hipótese de um enlace ontogenético entre autoconsciência e religiosidade foi lançada por Nascimento (2008) em sua tese de doutorado intitulada “*Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo*” defendida em 2008 na UFPE. Desde então as evidências comprobatórias desta hipótese acumulam-se (ver Nascimento & Roazzi, 2017).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Autoconsciência pode ser definida como capacidade cognitiva de prestar atenção a si mesmo, segundo a Teoria da Autoconsciência Objetiva proposta por Duval e Wicklund (1972), é um processo de autoescrutínio e autoavaliação, em que o vetor do processo atencional aponta sobre um determinado aspecto do self e este é comparado com um padrão de correção (standard) levando à emissão de um juízo de nível de divergência entre o self e o padrão comparado e acarretando diferentes consequências cognitivas e comportamentais dependendo da distância do self em relação ao padrão comparativo correspondente (Nascimento & Roazzi, 2017). Há consenso de ser a autoconsciência um sistema cognitivo central e fundamental à estabilidade do Self, permitindo a este se automonitorar e autorregular⁶ (Morin, 2004; Jiménez, 1999; Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2017).

A autoconsciência pode ser entendida e estudada em suas diversas dimensões e complexidades, destacam-se as suas dimensões públicas e privadas (Buss, 2001), suas dimensões estado e traço (Fenigstein, Scheier & Buss, 1975), sua dimensão organizacional de ruminação e reflexão (Nascimento, 2008; Trapnell, & Campbell, 1999), entre outros aspectos de sua complexa dimensionalidade sendo mapeados pela pesquisa contemporânea.

O estudo de Nascimento e Roazzi (2017), seguindo na trilha da hipótese ontogenética desenvolvimental de Nascimento (2008), defende a hipótese da religião como uma forte organizadora tanto da ambiência externa com seus estímulos autofocalizadores, quanto do meio cognitivo interno dos indivíduos, destacando a sua importância na ontogênese da autoconsciência em suas dimensões traço e estado, em sua organização funcional atrelada organicamente ao autoesquema de religiosidade. Em conformidade com a hipótese teórica construída por Nascimento (2008), os autores do estudo

⁶ Também se autocomunicar, ou estabelecer um diálogo interno consigo próprio, um solilóquio com fenomenologias ainda bastante desconhecidas (Nascimento, 2008), mas com consequências motivacionais, comportamentais e cognitivas importantes, em especial para a construção do autoconceito e consolidação da autoestima (ver Morin, 2004; Nascimento, 2008).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

defendem que a frequência maior ou menor na filiação e participação do indivíduo numa determinada tradição de religião institucionalizada (adesão religiosa) o expõe a uma frequente exposição a audiências e a frequentes ocasiões de interação social face a face, nas quais a tomada de perspectiva e as avaliações refletidas colocam-se como fontes importantes de disparo de autoconsciência (ver Morin, 2004). Sendo assim o exercício contínuo de participação nos ritos e nas devoções, tanto públicas nos locais de culto e privadas, atingem o indivíduo diretamente em seu sistema de comportamento (comportamento religioso), permitindo-o se autoavaliar segundo regras e prescrições ético-religiosas favorecendo fortemente o disparo e manutenção de estados autoconscientes na interação social religiosa imediata, como também após esse período de tempo, através dos mecanismos cognitivos de mediação como a autofala e as imagens mentais (Morin, 2004; Nascimento & Roazzi, 2017).

CCR e Dinâmica explanatória interna dos estudos

Das diversas teorias apresentadas, percebe-se que Roazzi, Nyhof e Johnson (2013) buscam avaliar a forma dos indivíduos pensarem a questão da identidade imaterial, sendo analisadas desde as teorias dualistas até aquelas que ponderam a influência cultural dos diversos povos. Na realidade, o trabalho busca integrar diversas visões sobre o tema, contemplando a possibilidade do ser humano pensar sobre identidade material fazendo uso de diferentes elementos intuitivos ao mesmo tempo de formas diferentes segundo as especificidades de cada cultura.

O estudo teórico-empírico realizado baseia-se numa hipotética transferência de alma, mente e espírito, sendo a sua hipótese que os julgamentos acerca das consequências de tais transferências apresentariam os seguintes padrões:

- a) Uma transferência da mente implicará mais em deslocamentos da capacidade de paixão e dos atributos cognitivos;



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- b) A transferência de espírito implicará mais em deslocamentos de paixão do que de capacidade, com os atributos corporais sendo deslocados minimamente;
- c) A transferência da alma implicará mais em deslocamentos de atributos morais, seguidos pelos sociais e cognitivos, com os atributos corporais sendo deslocados minimamente.

As análises estatísticas dos resultados empíricos obtidos essencialmente confirmaram as previsões realizadas.

Já em Barrett (2000), constata-se da experiência que os deuses da reflexão teológica continham muitas violações dos pressupostos intuitivos para os agentes intencionais, mas o deus-conceito utilizado na compreensão da narrativa-tarefa parece ser muito semelhante a uma intenção ordinária do agente. Passa a impressão de que Deus deve se adaptar ao homem e não o homem a Deus. Uma consequência dessa restrição cognitiva é que as pessoas podem representar apenas conceitos religiosos que têm um limitado número de características que violam premissas intuitivas. Constata-se que o fato de que as pessoas estão receptivas a conceitos religiosos pode ajudar a explicar porque estes conceitos são tão prevalentes.

Pelo fato de que as bases da religião passam pelos processos cognitivos, nos traz a constatação de que crianças facilmente adotam ideias sobre deuses, fantasmas, Papai Noel e outros agentes que possuem propriedades sobrenaturais, por terem menos desenvolvimento dos sistemas conceituais, diferentemente dos adultos. Embora os dados disponíveis ainda sejam limitados, parece que muitos conceitos centrais para as principais tradições religiosas não são tão opacos para crianças jovens, como se pensava.

A receptividade natural de conceitos religiosos não se limita às crianças. Adultos parecem encontrar conceitos minimamente contraintuitivos, dos quais conceitos religiosos são subconjuntos, que são facilmente representados e de alta memorização. Adultos de várias culturas foram testados e os conceitos mais propensos a serem lembrados e transmitidos com sucesso são os contraintuitivos do que qualquer conceito mundano ou bizarro



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que não desafiam os pressupostos de categorias. Estes conceitos são entendidos e representados sem ser necessário alocar muitos recursos cognitivos. Apesar de tudo isso, os conceitos contraintuitivos, como um sofá invisível, raramente ocupam importantes papéis em sistemas religiosos.

Para que um evento se torne parte de um sistema religioso, seus procedimentos devem ser realizados várias vezes de tal forma que as várias instâncias possam ser identificadas como o mesmo evento. Procedimentos sem auxílio mnemônico que são pouco realizados não são susceptíveis de serem lembrados e aí está a contribuição cognitiva para eventos religiosos. Cientistas cognitivos da religião estão fazendo grandes avanços em demonstrar que grande parte da cognição religiosa, incluindo representação do deus-conceito que será transmitido com sucesso e o desenvolvimento de práticas baseadas em conceitos religiosos, é largamente dependente da cognição ordinária. Nenhum domínio especial para o pensamento religioso precisa ser postulado. A religião é, de certa forma, muito natural, apesar de muitos eventos religiosos não terem sido examinados de forma controlada (Barrett, 2000).

Na perspectiva do artigo de Barrett (2007), conceitos religiosos e, particularmente, conceitos de deus podem ser aceitos como ideias culturais porque são minimamente ou modestamente contraintuitivos e porque recebem um impulso ocasional em uma população por sua capacidade de dar sentido a experiências HADD, o que se assemelha ao que está posto no segundo artigo analisado. Motivação adicional para falar e acreditar em deuses também decorre da capacidade de dar conta de eventos marcantes que de outra forma não teriam explicação intuitiva. Se os nossos sistemas de raciocínio intuitivo que procuram explicações físicas ou biológicas básicas não conseguem explicar satisfatoriamente um evento emocional, estaremos propensos a recorrer a explicações psicossociais. Como agentes psicossociais têm poderes diferentes das pessoas, os deuses podem ser facilmente incorporados em tal raciocínio. Se exercidos repetidamente, tais padrões de raciocínio podem



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ganhar plausibilidade e reforçar a crença e a transmissão de conceitos de deuses (Barrett 2004b; Boyer 2001).

Estudos em CSR indicam que os sistemas cognitivos das crianças podem ser especialmente receptivos a certos conceitos sobre deus (Barrett & Richert, 2003; Richert & Barrett, 2006). A invisibilidade, onipresença e onipotência não representam obstáculos para a compreensão das crianças. Barrett e seus colegas demonstraram, também, que crianças com menos de 8 ou 9 anos não precisam estritamente antropomorfizar Deus, uma posição defendida por muitos pesquisadores na tradição piagetiana (ver Elkind 1970; Goldman, 1965).

Entre os estudiosos da cognição destacam-se, pelo menos, três escolas de pensamento concorrentes de crenças sobre vida após a morte: os que consideram a crença na vida após a morte como uma ideia contraintuitiva que deve ser ensinada e incentivada tanto quanto crenças em fadas ou magia (Astuti & Harris, 2008); os que veem a crença na vida após a morte como um pouco contraintuitivo, mas suportado como um único subproduto do funcionamento natural de duas unidades funcionais do cérebro humano, por vezes, contraditórias (Boyer, 2001), e aqueles que veem a crença no pós-vida tão intuitiva e quase inevitável por causa da pressão seletiva a seu favor (Bering, 2006).

Bering oferece uma posição controversa argumentando que a crença na vida após a morte é intuitiva por causa de nossa inabilidade para simular ou imaginar o que seria não ter pensamentos, sentimentos, ou consciência (Bering, 2002; Bering & Bjorklund, 2004). Ele ainda argumenta que a predisposição para acreditar no pós-vida foi incentivada por pressão seletiva evolucionária, pois essa crença promove a reputação de melhoria de comportamento, haja vista a possibilidade de estar sempre sendo observado por uma mente onisciente com capacidades extraordinárias. A CCR fornece recursos teóricos para o particionamento de ações religiosas de acordo como são representadas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cognitivamente, dando maior atenção aos rituais religiosos, as orações e a possessão espiritual.

Um ambicioso projeto da CCR é a teoria dos modos da religiosidade de Harvey Whitehouse (2002a; 2002b; 2004), que tenta capturar como a dinâmica cognitiva em diferentes tipos de eventos religiosos coletivos pode ser agrupada em dois modos distintos de religiosidade de uma série de características sociais e políticas. No modo imagético (imagistic), a transmissão de conhecimentos teológicos centrais se dá através de eventos realizados raramente, mas altamente emocionais, tais como ritos de iniciação brutal ou ritos de terror (Whitehouse, 1996). Estes eventos são cognitivamente propícios para a criação de memórias carregadas de emoção dos acontecimentos e coparticipantes, gerando ruminação exegética individual e estimulando sentimentos de ligação relacional com coparticipantes. Em contraste, no modo doutrinário os eventos acontecem com frequência, mas tem relativamente baixa excitação de transmissão teológica, tal como no moderno cristianismo protestante. Tais eventos são cognitivamente adequados para a transmissão do complexo de ideias teológicas por meio de instrução explícita nos sermões e textos, visando o armazenamento das ideias na memória semântica.

CCR e Consequências para o Estudo da Cognição

Os resultados empíricos e teóricos produzidos no artigo de Roazzi, Nyhof e Johnson (2013), levam a diversas novas possibilidades para pesquisas futuras. Para tanto, é necessário continuar a abordar a questão de como as diferentes culturas enquadram a personalidade através da linguagem para que se possa entender como os diferentes termos empregados podem se mostrar mais ou menos associados às diferentes partes da pessoa. É importante examinar como eles são efetivamente utilizados em diferentes contextos, incluindo tanto o secular quanto o religioso. Um exemplo seria o termo “mente”, o qual pode ser usado na escola para se referir à cognição, mas também é frequentemente usado referindo-se às funções mentais ou doença mental.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os achados destacam também, a importância de se desenvolver métodos para investigação das ideias de pessoalidade que tocam os conceitos subjacentes a termos como “mente”, “alma”, “espírito”. O desenvolvimento de métodos que vão além do mapeamento semântico é importante devido à existência de sinônimos, sobreposição semântica e polissemia entre os termos.

Embora possam muito bem constituir um núcleo universal da identidade imaterial, evidentemente os termos semânticos “espírito”, “mente” e “alma” não são acentuada ou universalmente distintos (ver Cohen & Barrett, 2010). Pelo contrário, eles parecem surgir sutilmente a partir de intuições ligeiramente diferentes dentro de um mesmo espaço conceptual. Mais pesquisas são necessárias para avaliar tais conceitos em relação aos seus usos culturais e religiosos dos termos, com repercussões significativas para o avanço do estudo da cognição humana.

Apesar da colaboração deixada pela pesquisa realizada em Barrett (2000), muitas são as questões pendentes, como é que a própria pessoa interage com a representação e a transmissão de conceitos e práticas religiosas? São os conceitos minimamente contraintuitivos mais fáceis ou mais difíceis de acreditar que outros conceitos? Se os conceitos religiosos são tão naturalmente acomodados por estruturas cognitivas, por que eles às vezes parecem difíceis de entender? Como é que a cognição restringe e informa outros tipos de fenômenos religiosos como a oração de súplica, adoração e de conversão? Se a criança facilmente representa as propriedades dos agentes sobrenaturais, por que os adultos parecem ter grandes dificuldades em muitos contextos? Do ponto de vista cognitivo, fazer rituais religiosos difere (cognitivamente) de observações supersticiosas ou de magia?

De acordo com o demonstrado por Barrett (2007), numerosas áreas de pesquisas relacionadas com a religião estão começando a se beneficiar da perspectiva cognitiva científica, incluindo a magia (Sørensen, 2007), a escritura como artefato e escrituralismo (Malley, 2004), milagres (Pyysiäinen 2004), a natureza das almas (Richert & Harris, 2008), e do ateísmo (Barrett, 2004b;



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Saler & Ziegler, 2006). O envolvimento com temas de destaque na psicologia da religião, tais como a experiência religiosa, o apego ou a imagem de Deus permanece na necessidade de maior desenvolvimento.

O exame de esquemas mentais como religiosidade ou religião e conceitos religiosos como os de deidades, espíritos e entidades espirituais como exemplares de mentes não ordinárias (mentes extraordinárias) tem grande potencial de fazer avançar o entendimento de aspectos ainda nebulosos para a teoria cognitiva sobre a reflexividade do Self (Nascimento, 2008), e seus aspectos construtores como Autoconsciência e Teoria da Mente (Wellman, 2018; Nascimento, 2008), e lançar luzes esclarecedoras sobre o papel de conceitos religiosos como o de Deus como sendo operadores cognitivos catalisadores de processos de desenvolvimento na ontogênese da cognição (ver Nascimento & Roazzi, 2017). O exame de conceitos religiosos e mesmo da cognição religiosa tomada mais amplamente em suas incidências no funcionamento cotidiano da cognição, ou em momentos de ruptura evolutiva, está longe de documentação mais robusta, e mesmo a existência de modelos teóricos compreensivos destas relações são ainda escassos na literatura (Barlev & Shtulman, 2021; Biabanaki, 2020; Teehan, 2018; Barrett, 2017; Esperandio, Zangari, Freitas & Ladd, 2019; Boyer, 2002). Um cotejo mútuo das agendas de pesquisa em psicologia da religião e de tópicos cognitivos como mentes extraordinárias e autoconsciência são oportunidades ímpares para avanços bilaterais nestes campos da pesquisa psicológica, e em breve tempo futuro os frutos far-se-ão notar na literatura (Burdett, Wigger & Barrett, 2021; Esperandio, Ribeiro, Curcio, Nascimento & Roazzi, 2019).

Avaliação Crítica da CCR após exame dos eixos epistemológicos

O presente trabalho foca num conjunto importante de fenômenos relacionados a noções religiosas e espirituais do ser, um tema com implicações importantes para a psicologia como um todo e a psicologia cognitiva em particular. Suas contribuições específicas acerca do fenômeno da identidade



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

imaterial trabalhadas no primeiro artigo, de Roazzi, Nyhof e Johnson (2013), envolvem:

- (i) Uma visão integrativa acerca das diferentes abordagens teóricas existentes, incorporando elementos de diversos modelos distintos;
- (ii) A ênfase na importância da cultura enquanto fator condicionante do funcionamento dos mecanismos cognitivos associados;
- (iii) Identificação de necessidades metodológicas específicas para o estudo do tema, incluindo considerações sobre linguagem e cultura;
- (iv) Achados empíricos relevantes para o teste empírico de diferentes modelos teóricos e uma perspectiva para estudos futuros.

Assim sendo, trata-se de um estudo relevante e enriquecedor, digno de divulgação e representando a abertura de uma legítima e importante via de pesquisa a ser trilhada no futuro.

Deve ser observado que as implicações desse tema e dos desenvolvimentos a ele associados abrangem ainda, de um modo bastante direto, questões de consciência, autoconsciência, personalidade e inteligência, dentre outras⁷. Apesar disso, percebe-se a ausência de considerações de como a identidade imaterial se situa em relação a tais assuntos tanto empírica quanto teoricamente. Futuras incursões no assunto deveriam incluir indicações mais claras acerca da interface entre a questão da identidade imaterial com os diversos outros tópicos que estão lógica e metodologicamente relacionados a ela.

As questões importantes acerca da visão naturalística da religião que levantam os artigos aqui trabalhados - e que outros estudos empíricos não puderam suprir -, poderão ser respondidas por pesquisas vindouras. Por enquanto, a colaboração destes estudos demonstra que a nova abordagem

⁷ Cabe marcar o protagonismo da pesquisa cognitiva em religião brasileira, em que Nascimento (2008) contribuiu justamente na interface das articulações entre esses processos cognitivos citados, seu estudo trouxe evidências robustas de um enlace desenvolvimental entre os processos de autofocalização, tanto estado quanto traço, o envolvimento com religião e religiosidade, as habilidades imaginativas de visualização de imagens mentais, e a fenomenologia da mediação cognitiva de autoconsciência, em distintos parâmetros de consciência (vigília e estados incomuns).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cognitiva para a religião não é um domínio completamente diferente e intratável da experiência humana, mas que pode ser explorada de forma produtiva utilizando as ferramentas das ciências cognitivas.

No que tange aos instrumentais metodológicos da psicologia cognitiva, o método introspeccionista (e outros métodos em 1ª pessoa) seria um dos métodos mais adequados para este tipo de conhecimento, pois desde seus primórdios foi utilizado na psicologia para acessar dados privativos da experiência do sujeito (Magalhães, Nascimento & Roazzi, 2020; Nascimento et al., 2019; Paula & Nascimento, 2018). No entanto, passou por um período de desconfiança científica por não apresentar resultados refutáveis (Hurlburt & Schwitzgebel, 2007). Portanto, na fase em que a psicologia precisou se firmar como uma disciplina científica esse método foi colocado de lado para dar lugar ao método behaviorista, que possuía como base a observação do comportamento, desconsiderando qualquer tema mentalista como consciência e imaginação (Gardner, 2003). Todavia, autores atuais como Magalhães, Nascimento e Roazzi (2019) ressaltam a importância de se confiar nos autorrelatos dos participantes, pois o método introspectivo permite que o sujeito acesse informações sobre sua experiência que não seria possível através de outros métodos. Por mais que alguns pesquisadores considerem esse método impreciso, não se pode negar que só poderemos ter acesso ao que é privativo do sujeito se o mesmo nos relatar. Apesar da autoinspeção apresentar dificuldades, não significa que não seja possível obter relatos acurados da experiência interna do sujeito. Ao invés de rejeitar o método introspectivo poderemos aperfeiçoá-lo para que cheguemos a resultados que passem pelo crivo científico e contemplem critérios de filosofias da ciência hodiernas vigentes nas ciências cognitivas.

No que concerne à dinâmica teórica dos modelos teóricos em cognição, em vez de ser vistos como extraordinários, os fenômenos religiosos podem ser vistos como fundamentados em formas bastante comuns da cognição ordinária enquanto se pensa o extraordinário (Barrett, 2011b; 2000).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por fim, já foi discutida a importância da noção de mentes extraordinárias, porém há de se reiterar que os achados na área indicam um processo socioconstrutivista e cultural (ver Burdett, Wigger & Barrett, 2021), porém não exclui a possibilidade de que haja uma estrutura cognitiva responsável não especificamente pelo conteúdo do pensamento extraordinário, e sim em seu surgimento, talvez espontâneo, dentro de tão variadas culturas ao longo de tantas eras. Há de se apontar também seu aspecto enquanto estado da arte nos estudos de Teoria da Mente (Wellman, 2018) e, porquanto, na teoria de autoconsciência, corroborando os achados de Nascimento (2008) sobre a estreita relação entre religiosidade e autoconsciência. É necessário então pensar sobre religiosidade sob uma perspectiva cognitivista e científica, fomentando as pesquisas que tratem o enlace ontológico, fenomenológico e existencial, e ontogenético desses processos cognitivos ao tratar de questões existenciais como “Quem sou eu?” e “Quem é Deus?”.

Considerações Finais

Apesar de uma série de fatores, parece evidente que é crescente o interesse pelo campo da Ciência Cognitiva da Religião nos últimos vinte anos. São propiciadores desse florescimento inovador e extraordinário a abordagem fragmentada, a assunção de explicações não exclusivas e o pluralismo metodológico típicos à CCR. O distanciamento da religiosidade em sua interface epistêmica e a estreita identificação com a psicologia evolucionista e com a antropologia também podem ter ajudado.

A CCR é frequentemente associada com uma agenda antirreligiosa (Henig, 2007), mas de modo algum a abordagem cognitiva ou seus achados implicam necessariamente numa tal perspectiva política, e isso não representa a posição pessoal de muitos dos pesquisadores proeminentes no campo. A religião é um fenômeno cultural e deve ser entendida como produto da cognição ordinária.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Diversas pesquisas indicam que conceitos ligeiramente contraintuitivos são fixados mais facilmente do que conceitos totalmente intuitivos por exigirem atenção especial das pessoas e despertar a curiosidade. Conceitos que sejam contraintuitivos em excesso não são fixados por serem caracterizados como inverossímeis e facilmente esquecidos.

Justificando que as bases da religião passam pelos processos cognitivos (Barrett, 2000; 2007; 2011a; 2011b), constata-se que crianças facilmente adotam ideias sobre deuses (definidos apenas como agentes contraintuitivos motivadores de ações), aceitando com naturalidade seus superpoderes, por terem menos desenvolvimento dos sistemas conceituais, diferentemente dos adultos (Lane, Wellman & Evans, 2010; 2012; Burdett, Wigger & Barrett, 2021).

Um outro ponto importante a considerar é que, segundo Barrett (2007), a CCR funciona. Não se limita a oferecer analogias úteis ou estruturas interpretativas ou novas ferramentas para descrições mais ricas do fenômeno religioso. A CCR oferece possibilidades empíricas testáveis, teoricamente motivadas por explicações científicas para o pensamento religioso e as ações tendem a desenvolver e espelhar a maneira como indivíduos representam os existenciais nas relações com os objetos de suas devoções religiosas em suas cognições.

Por tudo que se detalhou neste ensaio reflexivo a CCR deve ser considerada um evento epistêmico no campo da ciência cognitiva, e psicologia cognitiva, com grande potencial catalisador de novas compreensões sobre os processos do conhecimento e do agente cognitivo como sua instância mediadora, retomando em agenda e instrumentais mais firmes tópicos de grande envergadura intelectual e antiguidade na história da humanidade, e com grande potencial de abertura a visões de mundo mais racionais e empoderadoras do ser humano e de crescimento e fomento de suas capacidades cognitivas de autotranscendência.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Referências

- Astuti, R., & Harris, P. L. (2008). Understanding mortality and the life of the ancestors in rural Madagascar. *Cognitive science*, 32(4), 713-740. <https://doi.org/10.1080/03640210802066907>
- Barlev, M., & Shtulman, A. (2021). Minds, bodies, spirits, and gods: Does widespread belief in disembodied beings imply that we are inherent dualists? *Psychological Review*, 128(6), 1007–1021. <https://doi.org/10.1037/rev0000298>
- Barrett J. L. (2000). Exploring the natural foundations of religion. *Trends in cognitive sciences*, 4(1), 29–34. [https://doi.org/10.1016/s1364-6613\(99\)01419-9](https://doi.org/10.1016/s1364-6613(99)01419-9)
- Barrett, J. L. (2004). Counterfactuality in counterintuitive religious concepts. *Behavioral and Brain Sciences*, 27(6), 731-732.
- Barrett, J. L. (2007). Cognitive science of religion: What is it and why is it?. *Religion Compass*, 1(6), 768-786. <https://doi.org/10.1111/j.1749-8171.2007.00042.x>
- Barrett, J. L. (2011a). Cognitive science of religion: Looking back, looking forward. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 50(2), 229-239.
- Barrett, J. L. (2011b). *Cognitive science, religion, and theology: From human minds to divine minds*. West Conshohocken, PA: Templeton Press.
- Barrett, J. L. (2017). On Keeping Cognitive Science of Religion Cognitive and Cultural. In L.H.Martin & D.Wiebe (Eds.), *Religion Explained? The Cognitive Science of Religion After Twenty-Five Years* (pp.193-202). New York: Bloomsbury Academic.
- Barrett, J. L., & Richert, R. A. (2003). Anthropomorphism or preparedness? Exploring children's God concepts. *Review of religious research*, 44(3) 300-312.
- Bayly, S., Bloch, M., Peel, J. D. Y., Goody, J., Howe, L., Malley, B., & Højbjerg, C. K. (2004). *Ritual and memory: toward a comparative anthropology of religion* (Vol. 6). Rowman Altamira.
- Bering, J. (2002). Intuitive conceptions of dead agents' minds: The natural foundations of afterlife beliefs as phenomenological boundary. *Journal of Cognition and Culture*, 2(4), 263-308.
- Bering, J. M. (2006). The folk psychology of souls. *Behavioral and brain sciences*, 29(5), 453-462.
- Bering, J. M., & Bjorklund, D. F. (2004). The natural emergence of reasoning about the afterlife as a developmental regularity. *Developmental Psychology*, 40(2), 217.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Biabanaki, S. M. (2020). The cognitive biases of human mind in accepting and transmitting religious and theological beliefs: An analysis based on the cognitive science of religion. *HTS: Theological Studies*, 76(1), 1-9.
- Boyer, P. (2002). *Religion explained: The evolutionary origins of religious thought*. New York: Basic Books.
- Boyer, P. (2003). Religious thought and behaviour as by-products of brain function. *Trends in cognitive sciences*, 7(3), 119-125.
- Boyer, P., & Ramble, C. (2001). Cognitive templates for religious concepts: Cross-cultural evidence for recall of counter-intuitive representations. *Cognitive Science*, 25(4), 535-564. https://doi.org/10.1207/s15516709cog2504_2
- Burdett, E. R., Wigger, J. B., & Barrett, J. L. (2021). The minds of God, mortals, and in-betweens: Children's developing understanding of extraordinary and ordinary minds across four countries. *Psychology of Religion and Spirituality*, 13(2), 212.
- Buss, A. H. (2001). *Psychological dimensions of the self*. London: Sage.
- Duval, S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Elkind, D. (1970). The Origins of Religion in the Child. *Review of Religious Research*, 12(1), 35-42. <https://doi.org/10.2307/3510932>
- Esperandio, M. R. G., Zangari, W., Freitas, M. H. & Ladd, K. L. (Orgs.) (2019). *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado atual e oportunidades futuras*. Curitiba: CRV.
- Esperandio, M. R. G., Ribeiro, M. F. F., Curcio, C. S. S., Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2019). Representações mentais de seres sobrenaturais: a abordagem cognitiva da religião. In M. R. G. Esperandio, W. Zangari, M. H. Freitas, & K. L. Ladd (Eds.), *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado atual e oportunidades futuras* (pp.111-137). Curitiba: CRV. <https://bit.ly/2SBDEGq>
- Fenigstein, A., Scheier, M. F., & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of consulting and clinical psychology*, 43(4), 522.
- Gardner, H. (2003). *A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva*. 3. ed. São Paulo: Edusp.
- Gervais, W. M., Najle, M. B., & Caluori, N. (2021). The origins of religious disbelief: A dual inheritance approach. *Social Psychological and Personality Science*, 12(7), 1369-1379.
- Guthrie, S., Agassi, J., Andriolo, K. R., Buchdahl, D., Earhart, H. B., Greenberg, M.; Jarvie, F.; Salor, B.; Saliba, J.; Sharpe, K.J & Tissot, G.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- (1980). A cognitive theory of religion [and comments and reply]. *Current Anthropology*, 21(2), 181-203.
- Guthrie, W.K.C. (1996). *Orpheus and greek religion: a study of the orphic movement*. New Jersey: Princeton University Press.
- Harris, P., & Richert, R. (2006). The ghost in my body: Children's developing concept of the soul. *Journal of Cognition and Culture*, 6(3-4), 409-427.
- Henig, R. M. (2007). Darwin's god. *New York Times*, 4.
- Hurlburt, R.T., & Schwitzgebel, E. (2007). *Describing Inner Experience: proponent meets sceptic*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Johnson, C. 2008. The spirit of spiritual development. In R. M. Lerner, R. W. Roeser, & E. Phelps, (Eds.), *Positive youth development and spirituality: From theory to research*. West Conshohocken, PA: Templeton Foundation Press
- Lane, J. D., Wellman, H. M., & Evans, E. M. (2010). Children's understanding of ordinary and extraordinary minds. *Child development*, 81(5), 1475-1489.
- Lane, J. D., Wellman, H. M., & Evans, E. M. (2012). Socio-cultural Input Facilitates Children's Developing Understanding of Extraordinary Minds. *Child Development*, 83(3), 1007-1021. doi:10.1111/j.1467-8624.2012.01741.x.
- Magalhães, J. H. G., Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2019). O método introspeccionista e a investigação da consciência fenomenal: Algumas considerações. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 23(1), 62-79. <https://bit.ly/2LcdyYi>
- Magalhães, J. H. G., & Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2020). Ontologia e emergência do conteúdo consciente. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 25(2), 711-724. <https://bit.ly/3t97Ytn>
- Malley, B. (2004). *How the Bible Works: An Anthropological Study of Evangelical Biblicism*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Morin, A. (2004). A neurocognitive and socioecological model of self-awareness. *Genetic, social, and general psychology monographs*, 130(3), 197-224. <https://doi.org/10.3200/MONO.130.3.197-224>
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo* (Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil).
- Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2017). Religiosidade e o desenvolvimento da autoconsciência em universitários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(2), 121-137. <https://bit.ly/2LQuSzU>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Nascimento, A. M., Roazzi, A., Ribeiro, H. E. A., Lopes, I. M. S. F., Martins, V. B. C., & Silva, L. N. S. (2019). Dimensões fenomenais da Autoconsciência e do Autoconceito e os Elementos do Self: Enlaces funcionais. *RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, 5(2), 677-704. ISSN 2594-8806 <https://bit.ly/2S5YrDI>
- Paula, R. A., & do Nascimento, A. M. (2018). Os significados da experiência interna da formação presbiteral: uma análise temática fenomenal. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 24(1), 24-34.
- Powell, R., & Clarke, S. (2012). Religion as an evolutionary byproduct: A critique of the standard model. *The British Journal for the Philosophy of Science*, 63, 457–486.
- Pyysiäinen, I. (2004). *Magic, Miracles, and Religion: A Scientists Perspective*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Richert, R. A. (2006). The Ability to Distinguish Ritual Actions in Children [1]. *Method & theory in the study of religion*, 18(2), 144-165.
- Richert, R., & Harris, P. (2008). Dualism Revisited: Body vs. Mind vs. Soul, *Journal of Cognition and Culture*, 8(1-2), 99-115. doi: <https://doi.org/10.1163/156770908X289224>
- Roazzi, M., Nyhof, M., & Johnson, C. (2013). Mind, soul and spirit: Conceptions of immaterial identity in different cultures. *International Journal for the Psychology of Religion*, 23(1), 75-86.
- Rohr, F. (2014). *Educação e Espiritualidade*. Recife: Editora da UFPE.
- Saler, B., & Ziegler, C. A. (2006). Atheism and the apotheosis of agency. *Temenos-Nordic Journal of Comparative Religion*, 42(2).
- Sørensen, J. (2007). *A Cognitive Theory of Magic*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press.
- Sperber, D. (1996). *Explaining Culture: A naturalistic approach*. Oxford: Blackwell.
- Teehan, J. (2018). The cognitive science of religion: Implications for morality. *Filosofia Unisinos*, 19(3), 272-281.
- Thagard, P. (2008). *La mente, Introducción a las ciencias cognitivas*. Madrid: Katz.
- Trapnell, P. D., & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the Five-Factor Model of personality: distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 284-304.
- Wellman, H. M. (2018). Theory of mind: The state of the art. *European Journal of Developmental Psychology*, 15(6), 728-755.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Wellman, H. M., Johnson, C. N. (2008). *Developing dualism: From intuitive understanding to transcendental ideas*. In A. Antonietti,, A. Corradina, & E. J. Lowe (Eds.), *Psycho-physical dualism today: An interdisciplinary approach* (pp. 3–36). Lanham, MD: Lexington.
- White, C. (2018). What does the cognitive science of religion explain? *In New developments in the cognitive science of religion: The rationality of religious belief* (pp. 35-49). Cham: Springer International Publishing. doi: 10.1007/978-3-319-90239-5_3
- Whitehouse, H. (1996). Rites of terror: Emotion, metaphor and memory in Melanesian initiation cults. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 4(12), 703-715.
- Whitehouse, H. (2002a). *Arguments and Icons: Divergent Modes of Religiosity*. Oxford: Oxford University Press
- Whitehouse, H. (2002b). Modes of religiosity: Towards a cognitive explanation of the sociopolitical dynamics of religion. *Method & Theory in the Study of Religion*, 14(3-4), 293-315.
- Whitehouse, H. (2004). *Modes of religiosity: A cognitive theory of religious transmission*. Walnut Creek, CA: Rowman Altamira.
- Whitehouse, H. (2008). Cognitive Evolution and Religion: Cognition and Religious Evolution. *Issues in Ethnology and Anthropology*, 3(3), 35-47.

Sobre autores e contato:

Sabrina Araújo Feitoza Fernandes Rocha

Doutora em Psicologia Cognitiva pela UFPE,
Professora no Centro Universitário Estácio do Recife,
Membro do LACCOS
E-mail: prof.sabrina@gmail.com

Monica Gomes Teixeira Campello de Souza

Doutora em Psicologia Cognitiva pela UFPE,
Professora na Faculdade do Recife (FAREC),
Membro do NEC
E-mail: mgts@uol.com.br

Renato Guedes dos Santos

Doutor em Psicologia Cognitiva pela UFPE,
Diretor Executivo do Shopping Editorial Eireli – SED
E-mail: renato.gsantos@gmail.com



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS)

E-mail: alexmeden@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Luiz Guilherme de Oliveira Leal

Mestrando em Psicologia Cognitiva pela UFPE,
Membro do LACCOS

guileal96@gmail.com

Vanessa Bezerra Cornélio Martins

Mestranda em Psicologia Cognitiva pela UFPE,
Membro do LACCOS

E-mail: vanessa.cornelio@ufpe.br

Verônica Barros de Fonte Silva

Mestre em Psicologia Cognitiva pela UFPE,
Membro do LACCOS

E-mail: veronicabfsilva@yahoo.com.br

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi